AS VARIEDADES DA LÍNGUA INGLESA E O SEU *STATUS* DE LÍNGUA MUNDIAL[1]

THE VARIETIES OF THE ENGLISH LANGUAGE AND ITS STATUS OF WORLD LANGUAGE

Kátia Cristina Galatti[2]

RESUMO

Este artigo pretende destacar as diferentes variedades de sotaques da língua inglesa usadas por diferentes motivos, de acordo com o contexto social. Essas variedades foram desenvolvidas devido ao grande número de falantes de inglês, desde a época da colonização britânica dos séculos XVII e XVIII, fato que deu ao inglês o *status* de língua mundial, levando os mais conservadores a fazer uma redefinição do que seria a "língua padrão".

PALAVRAS-CHAVE: Língua inglesa. Variedades. Língua mundial. Língua padrão.

INTRODUÇÃO

De acordo com Barber (1993), o inglês, uma das principais línguas do mundo, expandiu-se em número de falantes devido ao crescimento da população na Inglaterra, especialmente com a Revolução Industrial, iniciada em meados do século XVIII.

Segundo o autor, o inglês se tornou uma língua mundial por causa da sua larga difusão das ilhas Britânicas para todos os continentes, devido ao comércio, à colonização e à conquista, dos séculos XVII e XVIII, quando os ingleses se estabeleceram na América do Norte.

Já o inglês americano domina, desde o final do século XIX, as Filipinas e Porto Rico, ambos tirados da Espanha pelos Estados Unidos. E o crescimento da população nos Estados Unidos, devido à massiva imigração dos séculos XIX e XX deu ao inglês seu atual *status* no mundo (BARBER, 1993).

Para Lacoste (2005), especialmente depois da Segunda Guerra Mundial, que foi de 1939 a 1945, a influência política e cultural dos Estados Unidos se propagou, por exemplo, através dos aparelhos mecânicos que vinham com manuais de instrução em inglês e das fábricas americanas abertas na Europa, obrigando os europeus a aprender inglês.

---

1 Parte de minha dissertação de Mestrado com as devidas adaptações para este artigo (GALATTI, 2011).

2 Docente da Fatec Taquaritinga- katia.galatti@fatectq.edu.br

Além disso, para Barber (1993) e para Lacoste (2005), a dominante posição do inglês no mundo hoje se deve ao poder político e econômico americano, mais do que à difusão do inglês pelas ex-colônias britânicas e dominações.

A mundialização do inglês, segundo Lacoste (2005), também se faz pelos fenômenos culturais como o cinema e a música, que mantém na moda tudo o que é americano.

Para Giblin (2005), depois da vitória dos países aliados na Segunda Guerra Mundial, em 1945, os Estados Unidos surgem como um modelo a imitar, principalmente pela juventude cheia de esperanças e aspirações que encontrara na cultura anglo-saxônica parte de sua identidade cultural e ideológica. É nessa época que surge o *rock'n roll* e com ele Beatles, Rolling Stones, entre outros grupos musicais.

O inglês também se beneficiou da corrente "liberal" e, segundo Le Breton (2005), foi se tornando a língua de um povo vitorioso na economia e nas relações de poder, que avançava para as liberdades individual, intelectual e nacional, adquiriu foros de nobreza, é falado pelo *gentleman* e através dele veicula-se a imagem do sucesso, da riqueza, da inovação, do homem seguro que pode ser tomado como modelo, além de sua capacidade de se impor no mundo da pesquisa e da comunicação, principalmente por meio da Internet.

Esta expansão do inglês pelo mundo significa que ele é hoje uma das línguas mais faladas do mundo (mais de quatrocentos milhões de nativos e quase o mesmo número de falantes como segunda língua) e, também, que há muitas variedades do inglês, usadas por diferentes motivos, dependendo do contexto social. "Por ser uma língua flexível, tanto em nível de sintaxe como de gramática, seu número de sotaques, portanto de sonoridades, é imenso" (GIBLIN, 2005, p.132).

Cabe aqui então, destacar as diferentes variedades de sotaque da língua inglesa e fazer uma distinção entre o inglês falado como segunda língua e o inglês como língua estrangeira.

AS VARIEDADES DA LÍNGUA INGLESA

Segundo Rajagopalan (2003), quem domina uma língua estrangeira é considerada pessoa culta e distinta. Tanto é que a palavra "estrangeira" é usada para qualificar uma língua mais respeitada do que a materna. Já uma língua de menor prestígio é qualificada como "exótica" ou como um "dialeto".

A principal diferença entre uma língua "exótica" e uma língua "estrangeira" é que nosso interesse em estudar a primeira se resume a uma curiosidade científica, em conhecer o estranho e o mítico. Já, ao estudar uma língua estrangeira, somos impulsionados pela vontade de ampliar nossos conhecimentos culturais para atingirmos melhores níveis de vida (RAJAGOPALAN, 2003).

Conforme Barber (1993), quando se aprende inglês como língua estrangeira, ele vai ser somente usado para a comunicação com estrangeiros, pois não há a tradição de se falar inglês dentro do país do aprendiz e este poderá aprender o inglês britânico ou o americano. Já quem aprende inglês como segunda língua espera usá-lo na comunicação

dentro de seu próprio país, dentro de comunidades falantes por rotina e, frequentemente, aprendem uma variedade local da língua ensinada por quem fala essa variedade, que se difere de várias formas do inglês britânico ou americano, por causa da influência da língua materna do falante.

Resumindo, uma segunda língua tem funções sociais dentro da comunidade onde ela é aprendida, enquanto uma língua estrangeira é aprendida principalmente para o contato fora de sua própria comunidade (LITTLEWOOD, 1984).

Entretanto, essa distinção entre segunda língua e língua estrangeira, para Barber (1993), não é exata. Além disso, há uma considerável quantia de funções da segunda língua, por exemplo, na educação e nos negócios, no fato de dar prestígio ou poder. Mas, há também alguns lugares que usam o inglês no meio da família e amigos, colocando a língua no mesmo *status* de suas línguas oficiais.

Portanto, apesar de ser uma distinção útil, muitas vezes o termo "segunda língua" é usado para se referir tanto à língua 'estrangeira' quanto à 'segunda' língua (LITTLEWOOD, 1984).

Para Barber (1993), o desenvolvimento de tantas variedades de inglês gerou problemas e controvérsias a respeito da língua, principalmente nas ex-colônias britânicas, onde, durante o período colonial, o inglês foi imposto como a língua da administração.

Também, com a independência, houve disputa em muitos desses países quanto ao fato do inglês ser retido como língua oficial e, caso fosse retido, se o inglês britânico padrão seria ensinado ou a variedade local do inglês seria adotada como padrão. Vários fatores como sentimento nacionalista, ligação à cultura tradicional, desejo de avanços científico e tecnológico e as necessidades por comunicação local e internacional fizeram parte desses argumentos.

Muitos deles ainda existem, mas há no momento uma tendência em muitos países em continuar aceitando o inglês como língua oficial ou semi-oficial e reconhecer a variedade local como um modelo (BARBER, 1993).

O desenvolvimento de um grande número de variedades que a língua inglesa adquiriu enquanto se espalhou pelo mundo nos últimos trezentos anos levanta, então, uma questão a respeito do inglês padrão: se existe esse padrão e qual é. Essa questão, tenta-se compreender a seguir.

LÍNGUA PADRÃO

Conforme Barber (1993), nos países onde o inglês é a primeira língua, há um uso comum que o torna possível falar em "inglês universal padrão" e que, provavelmente, continuará a constituir uma linguagem mais ou menos unificada como o principal meio das relações internacionais.

Em entrevista à revista *Hérodote*, sobre o inglês como língua franca das instituições internacionais, a professora auxiliar de inglês, Hélène Gradiot-Renard, mencionou a vantagem de se dominar perfeitamente o inglês, pois quando ouvem a própria língua nos debates, os anglófonos passam a considerar todos como um dos seus, "esquecendo"

que pode haver ali estrangeiros. E, se nas discussões, esses estrangeiros empregam uma expressão que não seja exata, podem levar os anglófonos a uma interpretação errada, deixando a impressão de serem pessoas medíocres, de baixo nível e que falseiam o teor do debate (GADRIOT-RENARD,2005).

Por outro lado, segundo Jekins (2007), pesquisas mostram que o inglês do nativo e algumas características de sua pronúncia mais dificultam do que facilitam a comunicação nesses contextos. Então, poderia ser argumentado que os palestrantes nativos fossem capazes de se fazer entender e aceitarem que a maioria deles não fala um inglês que é internacionalmente entendido.

De acordo com Rajagopalan (2005), estamos vivenciando uma nova língua, o *World English*, cujos usuários, que somam cerca de dois terços, seriam não-nativos. Esse novo fenômeno linguístico que serve hoje como meio de comunicação entre diferentes povos do mundo, não pode ser confundido com a língua que se fala nos Estados Unidos ou na Inglaterra.

Contudo, é preciso apreciar o inglês de diferentes tipos, diferentes partes do mundo, diferentes grupos sociais e diferentes profissões, pois, "ao contrário do que muita gente pensa o *World English* é um espaço de contestação, de reivindicação dos direitos da periferia, de subversão e não de submissão" (RAJAGOPALAN, 2005, p.155).

Ainda, haverá necessidade, principalmente por parte daqueles treinados em uma única forma da língua inglesa, de reconhecer tais mudanças, desligar-se de atitudes conservadoras e enxergar toda a comunidade falante com um distanciamento cientifico. Conforme cita Barber (1993), em um universo de mudança, é natural esperar por estabilidade, querer esclarecer coisas e fixá-las. Mas, toda a natureza e a vida humana estão em evolução. Então, "não é realmente muito bom se agarrar a margem: temos de lançar-nos ao fluxo e nadar" (BARBER, 1993, p. 278)[3].

ABSTRACT

This article aims to highlight the different varieties of English accents used for several reasons, according to social context. These varieties were developed due to the large number of English speakers, since the time of British colonization of the seventeenth and eighteenth centuries, a fact that gave the English language world status, taking the conservative ones to make a redefinition of what the "standard language" would be.

KEYWORDS*: English language. Varieties. World Language. Standard Language.*

REFERÊNCIAS

BARBER, C. L. **The English Language**: A historical introduction. Cambridge: University Press, 1993.

---

3 It's not really much good clinging to the bank: we have to push out into the flux and swim.

GADRIOT-RENARD, H. Entrevista - O inglês: língua franca das instituições internacionais. In: LACOSTE, Y (Org.). **A Geopolítica do Inglês.** Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. Original Francês, 2004, p. 27- 32.
GIBLIN, R. O inglês por meio da música.In: LACOSTE, Y. (Org.). **A Geopolítica do Inglês.** Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. Original Francês, 2004, p.127-132.
JENKINS, J. **Lashed by mother tongue.** Disponível em: <http://www.timeshigher education.co.uk/story.asp?storycode=310394&sectioncode=26>. Acesso em: 19 dez. 2010.
LACOSTE, Y. Por uma abordagem geopolítica da difusão do inglês. In: LACOSTE, Y (Org.). **A Geopolítica do Inglês.** Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. Original Francês, 2004, p. 7-12.
Le BRETON, J.-M. Reflexões anglófilas sobre a geopolítica do inglês. In: LACOSTE, Y (Org.). **A Geopolítica do Inglês.** Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. Original Francês, 2004, p.12-26.
LITTLEWOOD, W. **Foreign and second language learning**- Language acquisition research and its implications for the classroom. Cambridge: University Press, 1994.
RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística critica:** linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003 (Linguagem 4).
RAJAGOPALAN, K. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil- Por uma política prudente e propositiva. In: LACOSTE, Y (Org.). **A Geopolítica do Inglês.** Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. Original Francês, 2004, p. 135-159.



Possui graduação em Letras Licenciatura Plena (Inglês e Português) pela Faculdade São Luís (2003), graduação em Matemática pelo Centro Universitário de Araraquara (1998) e pós-graduação em Didática-Fundamentos Teóricos de Prática Pedagógica, nível de especialização *Lato Sensu* pela Faculdade de Educação São Luís (2002). É Mestre em Educação pelo Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto (2011). Atualmente, é professora de Inglês na Rede Pública do Estado de São Paulo, em escolas de idiomas e na Faculdade de Tecnologia de Taquaritinga (FATEC-TQ).